

Resgatar memórias, reviver olhares, e trilhar os caminhos da arte

*Retrieving memories, reviving perspectives,
endeavouring the paths that lead to art*

Editorial

JOÃO PAULO QUEIROZ*

*Par académico interno / diretor da Revista Gama. Artista Visual e professor universitário.

AFILIAÇÃO: Portugal, Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos de Belas-Artes. Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal. E-mail: joao.queiroz@fba.ul.pt

A revista de estudos artísticos *GAMA* encontra, neste terceiro número, um caminho mais definido dentro do projeto global da comunicação de artistas sobre as obras de outros artistas. A Revista *GAMA* percorre tradições, registos, ações e intervenções artísticas, que assinalaram diversos momentos, com diferentes graus de difusão. São aqui referidas e revisitadas obras que, na sua construção, recorrem a memórias e a histórias. Outras obras são resgatadas do possível esquecimento, por terem sido produzidas em épocas mais ou menos recentes ou mais recuadas.

Visa-se resgatar, recuperar a arte: é voltar a olhar, pelo escopo particular de um artista, a intervenção de um outro artista, com algum tempo de intervalo entre ambos. Este intervalo é um tempo de sedimentação, de filtragem, ou de recuperação de valores quase esquecidos. O tempo pode fornecer um ponto de vista privilegiado que permite novas interpretações, valorizações, interligações. Permite-se a reativação, o restauro: restauro não no sentido material, mas no sentido da reapresentação do conteúdo possibilitando reforçar um “museu

imaginário,” livre de fronteiras e de hierarquias estabelecidas (Malraux, 2013). Os objetos de arte anteriores podem ter originado, ou vir a originar, novas obras, na sequência imprevisível dos discursos humanos mais significativos, reagrupando-se em termos de “ação” ou de “orientação,” de “imagem” ou de “palavra” (The Warburg Institute, 2014), permitindo “restituir ao discurso o caráter de acontecimento” (Foucault, 1997).

O artigo “Eustáquio Neves: arte e resistência” de Sandra Gonçalves (Rio Grande do Sul, Brasil) que integra no trabalho de composição fotográfica a identidade e tradição, que se pode tomar como significativa de uma realidade multicultural brasileira, questionando lugares através de séries como a “objetivação do corpo.”

Alaitz Sasiain (Espanha), no texto “Un reencuentro con la cerámica en la escultura de Matilde Grau,” revisita as obras desta escultora, que da tradição da porcelana e da sua fragilidade, reconstrói uniões, ligações. Novas possibilidades de identidades objetivadas, que questionam de modo plástico e interpelativo as questões de identidade e género, ou de multiculturalismo: novas realidades são entidades significantes.

O artigo, “Azulejos murais na contemporaneidade,” de Marcela Gonçalves & Ciliani Jerônimo (Espírito Santo, Brasil), revisita a obra da artista autodidata Marian Rabello (n. 1931), especificamente os seus painéis de cerâmica instalados nos 60 e 70 em meia centena de locais, com predominância da cidade de Vitória.

Eriel de Araújo Santos (Bahia, Brasil), em “Reinaldo Eckenberger: imagens petrificadas de desejos e jogos da imaginação” revisita a obra do ceramista argentino radicado no Brasil, Eckenberger, onde o *kitsch*, o erotismo, e o carnaval, parecem metaforizar a condição humana, como a obra “eskitschofrenia” testemunha.

O texto “Ancestralidade, memória e arquivo: apontamentos sobre os projetos de Vieira Andrade,” de Paula Almozara (São Paulo, Brasil), apresenta o trabalho de pesquisa em torno das origens portuguesas do artista Vieira de Andrade. As mulheres de negro, entre as quais Delfina, de Vila Verde, Portugal, são apropriadas numa interrogação identitária profunda. Uma das suas imagens, composta por um pequeno busto inserido em contextos locais, deu origem à capa do presente número da GAMA nº 3.

Norberto Stori (São Paulo, Brasil), em “Mineiros de Butiá: um registro histórico e social gravado em xilogravuras” apresenta o xilogravador Danúbio Gonçalves, promotor de grupos de gravura em Porto Alegre em 1950 e autor de uma obra de aproximação ao neorealismo em torno da dureza da vida dos mineiros do interior de Rio Grande do Sul.

O artigo “Máscara e Medo na Obra “Tipos do Mar” do Pintor Evaristo Valle”

de Maximiliano Francisco Gutiez (Brasil / Espanha) apresenta as obras de um artista espanhol (1873-1951), pintor e dramaturgo, encarcerado quer pela agorafobia, quer pela repressão de um regime fascista: tudo parece jogar-se na subtilidade das máscaras e do medo calado.

María Betrán (Espanha) no artigo "Ocaña, el pintor travesti de las Ramblas de Barcelona" revisita as aguarelas em autorretrato, e as performances fotográficas e instalações, nas quais Ocaña, ao longo dos anos, se disfarça e mascara, até o seu disfarce de sol, em 1983, se incendiar de modo funesto.

Também Ocaña é o centro do artigo "Fiesta y cultura popular en la obra de Ocaña: Una reinterpretación contracultural" de José Naranjo (Espanha). Identifica-se como inovadora a apropriação da tradição andaluza, popular, tradicional e religiosa, que o artista faz nas suas performances e autorrepresentações, também aqui associadas à estética *camp* (Sontag, 2008).

Mônica Age (Santa Catarina, Brasil), no texto "A memória e a ruína em Ulysses," aborda a escultura instalada de José Rufino. A peça Ulysses, baseada em Homero, recupera um sentido de ruína utópica e de inutilidade maquínica.

A metáfora do corpo humano como máquina é também abordada por Raquel Pelayo (Portugal), em "Paulo de Cantos: Máquina de Ensinar Pelo Desenho." Os manuais escolares deste prolífico autor (1893-1979) de divulgação escolar dos anos 30 sintetiza de modo quase ingênuo a metáfora fascista do Estado como um mecanismo, em que todas as peças contribuem para um resultado desejado. O futurismo transforma-se em alegres cartilhas desenhadas.

O texto "Herramientas matemáticas en la lectura de obras de arte complejas: Los grupos de Klein y la poesía visual de Joan Brossa," por Manuel Aramendía (Espanha) procura aplicar a teoria de grupos, de Félix Klein, à poesia visual de Joan Brossa, através de alguns exemplos.

Almerinda da Silva Lopes (Espírito Santo, Brasil), no artigo "A distensão do tempo e da memória nos livros / objeto de Fernando Augusto" debruça-se sobre o universo arquivístico expressivo presente nos livros de artista de Fernando Augusto, ora repositórios de registos e memórias, ora elisões de registos terceiros.

Também o livro de artista é debatido no artigo "Cartografias de si: a partir do livro de artista 'One Week' (2011) de Isabel Baraona," de Joana Ganilho Marques (Portugal), onde a obra consistente de Isabel Baraona, tanto prática como teórica, é discutida dentro dos seus temas com mais potencial de discussão: a casa, a relação.

As memórias encenadas de Jeanette Musatti são debatidas por Roseli Nery (Rio Grande do Sul, Brasil), no artigo "Objetos de estimação, os estranhos e

enigmáticos relicários de Jeanete Musatti.” O quotidiano e a pequena escala são usados como potenciadores de confrontos, visando minúcias.

O livro infantil ilustrado é o tema da autora polaca Danuta Wojciechowska, radicada em Portugal, e debatida no artigo “Danuta Wojciechowska e a emoção da cor,” por Cristina Salvador (Portugal).

Rafael Pagatini (Espírito Santo, Brasil), no texto “Paulo Nazareth e os folhetos ‘Aqui é arte’” apresenta o projeto de Paulo Nazareth, de se deslocar do interior da América Latina aos Estados Unidos acumulando poeira nos pés, e registando momentos com mensagens dirigidas aos estereótipos do primeiro mundo, e também ao mundo da arte de matriz anglo-saxónica. Podendo situar-se na oposição do orientalismo (Said, 2001), o discurso é consistente e pertinente, implicando um confronto com a história do presente e entendendo a arte numa perspetiva relacional (Bourriaud, 2009).

O artigo “O Campo Expandido nas Obras de Leda Catunda,” de Andreisse Sabadin & Sonia Monego (Santa Catarina, Brasil), revisita a obra híbrida de Catunda, entre a bidimensionalidade e a tridimensionalidade, convocando-se o tema do “campo expandido” (Krauss, 1979).

Aprofundando a discussão do campo expandido (Krauss, 1979), Pedro Pousada (Portugal), no artigo “Rodrigo Oliveira: Monopólio da pureza desalinhada” apresenta obra deste escultor debatendo-a em torno de conceitos como o de sinédoque, decepção, comércio, liberdade e modernidade.

M. Montserrat López (Espanha), no artigo “Adrienne Salinger, microhistorias y Living Solo,” revisita esta viagem de este a oeste dos EUA registando os que vivem sós, e o seu registo autobiográfico, confrontando a subjetividade narrativa com a objetivação do lugar e da pessoa.

Debatendo a fotografia e a instalação, o artigo “La temporalidad y sus espacios: la fotografía como lugar de acontecimiento,” de Joaquim Cantalozella (Espanha), apresenta derivas (Debord, 1958) e debate os campos das iconotopias semânticas.

Cristiane Terraza (Brasília, Brasil), no texto “Uaré tinta: a pintura como investigação na obra de Moisés Crívelaro,” apresenta as pinturas que se apropriam das estampagens industriais para sobreporem camadas de significação icónica e linguística suplementares, revisitando um sensualismo algo *pop*.

Resgatando a cinematografia de animação portuguesa, o artigo “O cinema e o desenho de Manuel Matos Barbosa” de António Costa Valente (Portugal) dá conhecer o filme “A Ria, a Água, o Homem” de um realizador veterano de 78 anos, regressado após 29 anos de pausa. O texto de Raúl Brandão, *os pescadores*, permite esta evocação da Ria de Aveiro, tema de sempre de Matos Barbosa.

José Manuel García (Espanha) no artigo “El sol, el viento, la lluvia y el pintor: La naturaleza y el azar como agentes creadores en la pintura de Lucio Muñoz” debate a obra do pintor Lucio Muñoz (1929-1998) e o seu uso do acaso enquanto agente criador, ou tomando as intempéries e os elementos como agentes: o quadro respira e vive, fazendo-se, ao mesmo tempo que a Espanha se submerge no estertor do franquismo.

Entre a história e a memória, o arquivo e a deriva, a viagem e a identidade, a permanência e a resistência, a *Revista GAMA* vem assinalando um percurso de salvaguarda, de marcação de registos, de preservação de uma riqueza, ora material ora conceptual: a arte detém-se e debruça-se sobre as suas marcas, os seus projetos, os seus registos, as suas transições. Debruçamo-nos sobre os homens.

Referências

- Bourriaud, Nicolas (2009) *Estética Relacional*. São Paulo: Ed. Martins Fontes.
- Debord, Guy (1958) “Teoría de la deriva.” In *Internacional Situacionista*. Nº 2, dezembro 1958 [Consult. 2014-03-16] Disponível em <http://antivalor.atspace.com/is/deriva.htm>
- Foucault, Michel (1997) *A Ordem do Discurso: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Lisboa: Relógio D’Água. ISBN 9727083536
- Krauss, Rosalind (1979) “Sculpture in the expanded field.” *October*, Vol. 8. (Spring,), pp. 30-44
- Malraux, André (2013) *O Museu Imaginário*. Lisboa: Edições 70. Coleção: Arte & Comunicação. ISBN 9789724416472
- Said, Edward (2001) *Orientalism. Western Conceptions of the Orient*. London: Penguin Books. ISBN 9780143027980.
- Sontag, Susan (2008) “Camp — Algumas Notas” in *Contra a Interpretação e Outros Ensaios*. Lisboa: Gótica. ISBN 978-9727921027
- The Warburg Institute (2014) University of London, School of Advanced Study. London: King’s College London Digital Humanities. [Consult. 2014-03-16] Disponível em <http://warburg.sas.ac.uk/library/maps/>